

Futuro Como Controvérsia e Festa Como Narrativa: Breve Nota a Partir da Observação da Bugiada e Mouriscada de Sobrado

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.3>

Emília Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3600-3310>
era@ics.uminho.pt

Márcia Silva

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3464-2194>
marciasilva.formacao@gmail.com

Resumo

Este texto aborda, de forma muito sintética, a inevitabilidade das controvérsias quanto ao futuro das festividades e possíveis processos de reconfiguração que as venham a moldar. Os futuros são espaços-tempo objeto de disputas e, em grande parte dos casos, só a participação efetiva das populações nesses mesmos processos pode fazer a diferença na moldagem da festa às expectativas e aspirações coletivas. Seguindo estas ideias, este artigo explora algumas controvérsias emergentes em torno do futuro da festa de São João de Sobrado, que se realiza no concelho de Valongo. Faz-se referência a informação recolhida por meio de observação e de entrevistas, através das quais ficam mais claras as tensões que emergem do confronto constante entre o passado vivido e as visões de futuro criadas na base desta experiência, mas também de imaginários sobre a continuidade da festa e a sua importância na comunidade. A principal conclusão deste estudo indica o interesse de os responsáveis pela tomada de decisão perspetivarem os fluxos de mudança, não como meras pressões ou imaginários futuristas, mas sob o prisma do seu significado temporal.

Palavras-Chave

disputa, futuro, participação, reconfiguração da festa, São João de Sobrado

Introdução

A festa da Bugiada e Mouriscada acontece no dia 24 de junho no âmbito das celebrações de São João, na vila de Sobrado, no concelho de Valongo (Pinto et al., 2016). Hoje, a festa de São João de Sobrado é uma das seis marcas do património, divulgadas pela Câmara Municipal de Valongo. A originalidade desta festa, a nível nacional e internacional, levou-a a ser eleita como símbolo das festividades concelhias (Câmara Municipal de Valongo, s.d.) e as imagens de Bugio e de Mourisqueiro representam, aliás, as festas, romarias e procissões do concelho.

É uma festa composta por uma variedade de performances que alternam entre o religioso e o profano. Seguindo uma sequência de cenas que representam o desenrolar de uma lenda sobre o roubo e resgate de uma imagem de São João consumado pelos mouros (mourisqueiros) e cristãos (bugios; Araújo & Ribeiro, 2021), a festa organiza-se em redor de tempos muito diversos, cada um destes fortemente mobilizador de emoções, sensações e sentidos: as performances, o deslumbramento e a exuberância das cores (Motta, 2022); as danças e as músicas que se alternam; os odores que circulam e registam as experiências de quem é protagonista, ou simples visitante.

O debate sobre o passado, o presente e o futuro penetra todos os poros do tempo quotidiano que envolve e define os contextos de vida da população sobradense: saber em que exata medida a festa se pode ou deve abrir e mudar, ou deve permanecer igual ao que a memória dita como tal, é um desígnio difícil de atingir, até porque esta tensão é, de forma tácita, parte da própria festa.

Neste texto, não fazemos uma análise linear de achados e de conclusões que decorram de hipóteses construídas previamente. O facto de a festa, antes de se afirmar como evento ou performance, ser, sobretudo, objeto de narrativas múltiplas, polissémicas e dinâmicas, leva-nos a conceber este texto como um conjunto de ideias para reflexão científica. Mas, além disso, contribui para reflexão da própria comunidade e, sobretudo, de quem conduz a organização anual da festa.

Todas estas ideias se prendem com um ponto em comum: o da conceção da festa, como elemento cultural, cuja força e sustentabilidade reside na capacidade de diálogo e de efetiva coparticipação pública, desde sobradenses, em geral e considerando as suas diversas características, até aos investigadores e cientistas que levantam e analisam informação.

Com efeito, é certo que a festa se define pela sua experiência histórica e sociológica, mas também que, a seu tempo e conforme o contexto social e cultural em

que nos encontremos, a festa é principalmente narrativa: narrativa de passado, de passado futuro e de futuro. Por outras palavras, e tal como Koselleck (1979/2006) explicita, movemo-nos rumo à realização coletiva de expectativas, na dependência da experiência (passado), mas, na maior parte das vezes, as expectativas correspondem a visões. Ou seja, descrições “do que pode ocorrer no curto, médio e longo termo”, que “revelam narrativas alternativas ou futuros” e, por isso, “convidam a controvérsia” (Sovacool et al., 2020, p. 645).

A festa da Bugiada e Mouriscada, sendo um evento com materialidade suficiente para que viva e se ofereça como objeto sociocultural desejavelmente intemporal, resulta ela mesma de narrativas diferentes que se cruzam no tempo presente: dos habitantes com mais ou menos ligação histórica e biográfica à festa; dos seus representantes políticos locais e líderes associativos, dos especialistas e investigadores, entre vários outros agentes. Todos transportam para dentro dessa mesma narrativa a sua própria visão e imaginário sobre o que a festa é e/ou pode ser, assumindo, assim, uma tonalidade relativa, face ao que comumente, e de forma romantizada e holista, se assume como sendo autêntico ou explicado pela tradição.

A “festa é realizada pela comunidade e para a comunidade e qualquer tentativa para alterar esta característica é censurada pela população local em unísono”, afirma Pinto et al. (2016, para. 23). Tal significando que há, da parte desta comunidade, um sentido de posse da temporalidade transhistórica e transmodal (passado, presente e futuro). Nada de novo a este respeito, dado que a comunidade se investe, em razão da responsabilidade que detém sobre a reprodução da festa, deste poder de deter em simultâneo o que a festa foi e o que a festa pode vir a ser – o tempo em devir transportado para as narrativas totalizantes da própria festa.

À luz desta liderança e hierarquia de narrativas sobre a festa e o que esta representa, essa censura da mudança é um processo normal, muitas vezes tacitamente aceite, não explicitado, mas sociologicamente impossível de sustentar. Isto porque a mudança é uma qualidade intrínseca da persistência ou da imutabilidade: para que a festa se mantenha, precisa de mudar em paralelo com os tempos sociais, simultaneamente, ainda que não de forma revolucionária, ou disruptiva, mas de forma silenciosa. Efetivamente, a própria “comunidade” não existe enquanto tal: ela fragmenta-se em grupos, narrativas parcelares, individuais em alguns casos, movidas em alguns casos pelas experiências individuais e familiares da festa. Ademais, estas experiências são distintas entre si, por vezes intersectam-se, outras afastam-se e dão origem tanto a narrativas do passado, como a futuros passados dispares, diversos e impossíveis de categorizar segundo lógicas únicas. A festa e a comunidade constroem-se objetivamente a partir das narrativas identitárias (Ricoeur, 1983/1994). Atravessam-nas (comunidade e festa) várias diferenças nas temporalidades relacionadas com a idade, o género, a classe social e o poder social e político e estas refletem-se diretamente na maior ou menor abertura a visões e a debates sobre a mudança.

Neste texto, analisaremos a informação recolhida por intermédio de entrevistas a pessoas habitantes de Sobrado. Pretende-se demonstrar a permanência das tensões

a respeito do que se preserva como “autêntico” e entendido como “imutável” e o que muda, de forma mais ou menos intencional. Isto, por três motivos: (a) por efeito da necessidade de recursos para manter a festa no espaço e no tempo; (b) por efeito da evolução e da passagem do tempo da festa através dos tempos sociais, políticos e culturais que a afetam e a reconfiguram e; (c) por efeito dos métodos e das práticas de envolvimento que os próprios decisores políticos encetam para fazer participar as populações nos processos de (não) reconfiguração da festa.

Nota Metodológica

O texto apoia-se na informação recolhida ao longo do trabalho de investigação em curso, de cariz etnográfico, e tem como objetivo refletir em torno da dificuldade teórica e metodológica em pensar-se o futuro da festa, atendendo, por um lado, à sua significação histórica (futuro-passado) e, por outro, aos imaginários de transformação que enuncia (presente-futuro).

Trata-se de um estudo de caso, realizado de forma intensiva, na freguesia de Sobrado, concelho de Valongo, com recurso ao cruzamento de várias técnicas de recolha e de tratamento de informação, nomeadamente entrevistas e observação etnográfica. É uma pesquisa que tem como objetivos prover uma descrição etnográfica da festa e articular uma perspetiva compreensiva da mesma, refletindo sobre as formas e interseção da mesma com a história e a memória da comunidade. Assim, desde 2015, os investigadores participam como observadores em várias das atividades que decorrem ao longo do ano relacionadas com a preparação e a realização da festa,

"Há quem aceite e espere pela cena por representar a autenticidade atemporal (...). Há quem reveja na cena uma adequação temporal"

*Emília Araújo e
Márcia Silva*

Figura 1

Sapateirada/Dança do Cego em 1994.
Créditos. Manuel Pérez Corrales (cedida ao projeto FESTIVITY).



mobilizando registos fotográficos e videográficos. A abordagem adotada, potenciada pela convivência dos membros da equipa com a comunidade, permite aceder às experiências e ver por dentro como se faz a festa, os sentidos e as tensões que a atravessam e que refletem também as relações e as tensões vividas na própria comunidade. A realização de entrevistas e conversas (cerca de 100) decorreu de forma a ouvir o maior número possível de pessoas da comunidade e que tenham participado, em tempos diferentes, na festa, de modo a podermos aceder a eventuais mudanças e/ou alterações pelas quais a festa foi passando ao longo do tempo.

A Festa Como Controvérsia Temporal

Quando procurámos identificar o que muda ou não na festa, damos-nos imediatamente conta do poder da narrativa sobre a temporalidade da festa, definindo a temporalidade na esteira de Beck et al. (2021), ou seja, enquanto “múltiplas formas pelas quais a mudança ocorre ao longo do tempo” (p. 148) e que é sempre relativa, face ao sistema que a cria (autoreferente).

Uma das cenas mais significativas da festa é a “Dança do Cego”, que acontece durante a tarde. Hoje esta cena inclui uma sequência muito característica de ações que implicam interação constante com o público: sentado, ou deitado e rolando sobre água com excrementos, a personagem do cego aproxima-se de quem assiste, praguejando e usando a vara para lançar a lama embebida em excrementos de animais sobre as pessoas presentes que ora se aproximam, ora fogem em desafio constante. Mas, por causa da sujidade, da inversão e da desorganização que a envolve, esta é também uma das cenas mais controversas da festividade e objeto de algum dissenso, sobretudo quando se pensa em termos do alargamento da festa ao turismo. A controvérsia acende-se justamente em redor da temporalidade da cena na temporalidade histórica e experiencial da festa: a cena é autêntica porque sempre foi objeto da mesma performance e está incorporada como tradição, ou porque a narrativa partilhada sobre o passado da festa lhe retira qualquer datação e selo de atemporalidade?

Há quem aceite e espere pela cena por representar a autenticidade atemporal da festa e a perceciona como cena icónica, singular e imperativa na construção temporal e espacial da festa. Há quem reveja na cena uma adequação temporal contingente com os acontecimentos históricos que marcaram a realização da festa. Uma das pessoas entrevistadas (61 anos) arrisca a arquitetura da tradição e refere que (Figura 1) não foi representada sempre da mesa forma, tal como se faz hoje e por isso “não é tradição”. Afirma que “antes era em terra batida (...) havia um bocadinho de lama e acharam piada chegar lá e bater com a vara”, mas que, em 1974 “choveu muito, muito, muito, era um ribeiro por aí abaixo e, depois, chegaram ali, à sapateirada, começaram a bater com a vara, acharam graça [aos espirros para a população]”. Anos depois, afirma “puseram paralelos (...) iam lá de véspera, arranjavam duas carradas de terra e ponha lá para fazer a frese”. Hoje, “ainda fazem mais: botam-lhes excrementos de burro. Eu fui lá há 2 anos e não se podia estar lá com o cheiro. Aquilo não é tradição”. É referido que em tempos:

o sapateiro é que atirava o sapato (...) e é aquele momento que o sapato não suja nada a ninguém e atira de maneira que não aleije ninguém. Agora, o cego vai por aí abaixo, borra tudo, suja a assistência toda. Não acontecia nada disso. É tudo um exagero, mas a culpa disto é a malta de fora que dá um valor a isso. (61 anos)

As narrativas sobre a festa tendem a estruturar-se pela necessidade de corresponder à paixão pela festa por parte da população local que se reconhece como “comunidade” e que partilha a festa como forma de reforço da sua identidade cada vez mais para fora das fronteiras da freguesia. No meio destas narrativas encontram-se outras que reclamam o “exagero” e o “excesso” de algumas cenas da festa, a ponto de a pressionar a mudar. Quem está ligado à festa conhece estas narrativas e não lhes reconhece poder de persuasão, mas evita-as como objeto de controvérsia ou discussão.

Normalmente, a reconfiguração da festa, por mais ou menos visível que possa vir a ser, é um assunto que se pretende manter no segredo de quem está envolvido e comprometido com a celebração da festa e se investe de poder de controlo sobre o grau de mudança pretendido. As controvérsias que se tornam públicas sobre mudanças na festa em virtude de tensões e ou pressões exteriores, incluindo a sua abertura ao turismo e aos média, são objeto de discussão e catalogadas como discursos que vêm de fora: de quem investiga ou analisa a festa; a quem não se reconhece a paixão e a experiência histórica e sociológica da festa.

No coração deste jogo simbólico de resguardo de poder sobre a temporalidade histórica da festa está não só a perceção do poder de controlo sobre o futuro e o passado da festa, mas também o receio da descaraterização da festa potencialmente perpetrada, tanto pela flexibilidade e multiplicidade de narrativas sobre o passado da festa, como pela destruição ou suspensão da estabilidade e da continuidade da festa como elemento da narrativa identitária coletiva. Detalhes aparentemente banais, como o número de pessoas na Bugiada, podem ser foco de desconstrução e normalmente estão associados a uma visão mais conservadora acerca do tempo e da temporalidade da festa: “os bugios sempre foram muitos. Dantes eram menos. Eu quando fui a primeira vez de bugio com 10 anos eram para aí 50 bugios. Agora também é um exagero. (...) vamos lá ver: vão 600 bugios” (72 anos).

Uma das pessoas entrevistadas entende que a mudança na festa se observa pela forma como as pessoas participam, sobretudo na Bugiada, afirmando que

antigamente ninguém queria ir. Antigamente tinham medo de ir. Tinha medo de fazer mal. Não iam. (...) Não queriam ir porque tinham medo. Tinha vergonha por poderem fazer mal. Agora não. Agora qualquer um vai. Agora não se importam. Mesmo que façam mal, não querem saber. (54 anos)

Outra entrevista desvaloriza o número de pessoas que participam na Bugiada. A estas juntam-se outros que criticam a falta de ligação à festa e a impossibilidade de todos quantos se juntam expressarem a paixão pela festa por falta de alma histórica:

hoje são mais de 600 bugios, (...) [mas] vão 50 bugios. Quero eu dizer, aqueles que sabem o que vão fazer são 50! Vão mulheres, vão pessoas de fora, vão muitos, vão lá atrás dos outros, mas não sabem o que estão a fazer. (72 anos)

Em resumo, esta ideia em torno da participação é bastante crítica, ou seja, se por um lado o número de participantes contribui para enaltecer e engrandecer a espetacularidade da festa, por outro lado suscita um conjunto de desafios, nomeadamente em torno das alterações performativas e qualidade da exibição. Em 2022, a extensão da Bugiada foi a mais espetacular de sempre, com aproximadamente 900 bugios.

Aparentemente igual à festa do passado sempre perspetivado como referencial, as pessoas entrevistadas referem-se em detalhe a algumas das mudanças que se apercebem existirem na festa, incluindo a sua dimensão estética. As pessoas falam de reconfigurações relacionadas com as danças e com as músicas, afirmando que hoje há um bater mais intenso dos pés no chão, que resulta em mais exuberância da parada militar.

Eu acho que eles dançam de maneira diferente do que o que era dantes. Porque eu vi antigos mourisqueiros a dançar e eles não dançavam assim. (...) “Vós ides a bater com os pés que eu não percebo como é que é a dança da mouriscada agora”. (61 anos)

Em paralelo às tensões que emergem da forma como o passado “autêntico” da festa surge narrado, coexistem outras relacionadas com a efetiva abertura da festa a pessoas que vêm de fora, ou para ver a festa, ou dela participar, como acontece com a Bugiada. Neste ponto, estamos a falar mais especificamente da relação entre a festa e o turismo e os receios, expectativas e tensões que abrem a partir daqui e que abalam com as coordenadas de uma temporalidade regida pela representação da continuidade e da estabilidade.

Como já dissemos, a turistificação das festividades impõe diversos questionamentos em relação à abertura da comunidade à exposição para públicos com diferentes níveis de conhecimento e de interesse na festa (Araújo et al., 2019; Choi et al., 2020). Nos vários textos já publicados em torno da festividade (Araújo, et al., 2019; Pinto, et al., 2016) debruçamo-nos sobre esta controvérsia em relação ao futuro da festa, entre aquilo que pode significar a abertura ou o fechamento. Um processo muito normal ocorre quando quem é “de fora” surge apelidado como potencial responsável pela destruição ou pela descaraterização do património (Silva, 2022). Isto porque se supõe que molde as expectativas dos agentes locais que promovem a festa, orientando-a para o aumento do número de visitantes que se tornem consumidores no espaço e tempo da festa.

Nós temos aqui uma festa bonita, bonita aos nossos olhos porque a festa é nossa, mas o que eu tenho conhecimento de amigos que vieram aqui é que gostaram muito e ficaram encantados com a beleza da festa e muitos deles nem têm conhecimento do que se está a desenrolar, mas as danças, os gestos, muita gente fica de boca aberta. (sem informação de idade)

Nas entrevistas é muitas vezes mencionada esta tensão entre a abertura necessária da festa, para seu conhecimento e atração de recursos e, em simultâneo, as desvantagens que comporta, sobretudo no que se refere aos tempos no desempenho das performances, assim anotando a “perda de aura” da estética da festa: a “beleza” das cenas, o à-vontade, ou a possibilidade de concretizá-las na totalidade, como a dança da Bugiada:

agora, é uma Bugiada muito mais numerosa e isso é que distorceu um bocadinho (...). Agora, para dar uma volta temos de dar uns quilómetros só para virar a Bugiada. Acaba por mostrar mais a quem está a ver, mas é mais difícil. (...) Faziam-se danças mais curtas, de outra beleza. (48 anos)

Nós antigamente fazíamos uma dança em que demorava, por exemplo, 10 a 15 minutos e nós agora temos de fazer uma dança que demora 40 minutos (...). É uma coisa abismal. Dançava-se mais à vontade, mais tempo, aproveitava-se mais, e agora limita-se àqueles 20/30 pares que vão na frente e que ouvem a música. É diferente. (48 anos)

O aumento do número de participantes relatado como “abismal” ou como um “exagero” é reconhecido como sendo “devido à evolução dos tempos. (...) Toda a gente quer ir” (48 anos). Esta ideia de alteração dos tempos e consequentemente alteração na festa está muito presente face à irreversibilidade do tempo social “tudo muda. Mesmo que se queira manter a tradição há coisas que acabam por se alterar automaticamente” (48 anos).

Por isso, há quem refira que:

quem quer ver as danças, vai aos ensaios. Nos ensaios, temos tempo para mostrar tudo direitinho. No dia, os tempos são apertados, temos de cortar nas danças. (...) Os mourisqueiros passaram de 20 para 40, ou seja, o tempo que leva a fazer as danças não será o dobro, mas anda lá perto. (33 anos)

Todavia, a tensão persiste, relativamente à ampliação do eco da festa para fora da freguesia e de sobradenses que se sentem na “posse” da festa, por receio de perderem a autonomia na arquitetura daquela. Por isso, os discursos centram-se em “divulgar eu não sou contra, sou contra tirar o que é nosso (...). O meu receio é esse. (...) Até agora nós fazíamos como queríamos e sabíamos e pode isso mudar” (53 anos) e o “divulgar, mostrar, fazer com que venham mais pessoas, mas que não venham pessoas em quantidade. Que venham pessoas interessadas que gostam deste tipo de festas” (33 anos).

Integram as disputas sobre o futuro temas muito diversos respeitantes às vivências e experiências da festa. Alguns destes debates serão sobre a participação das mulheres na festa e da sua abertura a identidades de género não heteronormativas, ou ainda a possibilidade de homens com relações maritais e com filhos poderem participar na formatura dos mouriscos, tradicionalmente composta apenas por rapazes solteiros. Acrescente-se ainda uma série de outras micro ações reguladas por normas que se

explicam quase em uníssono pela tradição que abre cada vez mais espaço na arena da reflexão sobre a festa no presente, e sobretudo no tempo à frente. O cruzamento de gerações, as mobilidades constantes para fora da freguesia, as reconfigurações socioprofissionais e características gerais dos contextos sociais e culturais empurram decisores políticos para processos complexos de autoanálise, onde a investigação científica independente tem um papel relevante, ainda que potencialmente incómodo, face às diferenças nos quadros de perceção do tempo da festa e do tempo social.

Considerações Finais

A visão que temos de futuro pode ser a principal mobilizadora e modeladora do nosso olhar sobre o passado e a aprendizagem, repetição ou mudança que possamos fazer em relação a essa experiência (Koselleck, 1979/2006). Como dissemos, este é um texto curto que deixa mais interrogações do que conclusões, ficando saliente serem múltiplas as questões que atravessam a temporalidade da festa e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo e que podem refletir-se num futuro bastante próximo da festa.

Tradicionalmente, a festa é percebida como algo que se funde com a “comunidade”, que lhe garante a energia necessária para que se produza ao longo do tempo. Segundo autores diversos, as festividades, particularmente as que procuraram reviver um passado, deparam-se com dificuldades associadas à sua turistificação e, conseqüentemente, com o desafio de lidar com a transformação da memória social e coletiva, refletidas na massificação da produção de bens tradicionais, mudança cultural e de hábitos e práticas dos residentes, dos congestionamentos e sobrelotação de espaços e equipamentos, encenação e folclorização das práticas culturais, entre outros (Mínguez et al., 2019; Remoaldo & Cadima Ribeiro, 2017; Silva, 2022). É certo que este é um desafio cujo deslinde exige necessariamente bastante conhecimento da festa, de modo que seja possível identificar os pontos de mudança, mas, de qualquer modo, é necessário distinguir a vulgarização da festa da sua sustentabilidade, no médio e no longo termo, já que esta implica uma gestão ponderada entre passado, presente e futuro (in)sustentável.

Assim, importa destacar uma conclusão central: as questões da mudança e o debate sobre possíveis futuros integra a discussão sobre o turismo e a turistificação, mas não se esgota nesta. Quando nos referimos ao futuro enquanto disputa e controvérsia, aceitamos que existem diversas visões sobre esse futuro que lutam por se imporem, face à alocação de recursos, sendo que a estas se sobrepõem as visões sobre o passado enquanto futuro imaginado ou futuro passado, no entendimento de Koselleck (1979/2006) e de Bryant e Knight (2019), no sentido em que se torna importante não pensar o futuro exclusivamente como destino da tradição. Esta, desconstruída, fica no âmbito da emergência do presente que se repete. Com efeito, podemos constatar que a festa se apresenta ainda bastante enclausurada no presente (presente terminal), no sentido de Ramon Ramos-Torre (2009), face a futuros incertos, e perante passados que importa recordar, de forma a daí se extrair o futuro mais seguro.

Neste texto e com base em excertos de entrevistas efetuadas no contexto da festa Bugiada e Mouriscada, verificamos que tanto o passado como o futuro merecem ser

perspetivados como narrativas que se constroem e reconstroem no tempo social e cultural, o que significa que a festa se torna insustentável sem mudança. Segundo Lipovetsky e Charles (2004), “as obras do passado já não são contempladas em recolhimento e silêncio, mas ‘deglutidas’ em alguns segundos, funcionando como objeto de animação de massas, espetáculos cativantes, maneira de diversificar o lazer e de ‘matar’ o tempo” (p. 93).

A análise do assunto merece mais investigação no que respeita à diversidade de posições adotadas pelos vários atores envolvidos, pois ganha contornos diferentes consoante o país ou região. No entanto, a informação recolhida e analisada permite-nos refletir sobre a adequação da formulação teórica que estabelecemos no início do texto.

Em primeiro lugar, a necessidade dos responsáveis pela tomada de decisão perspetivarem os fluxos de mudança, não como meras pressões ou imaginários futuristas, mas sob o prisma do seu significado temporal. Ou seja, a capacidade de conter o passado, presente e futuro das pessoas, regiões e territórios e países, assim refletindo as tendências e dinâmicas de mudança implícitas em curso. Esta reflexão levar-nos-ia a um debate ainda mais amplo sobre a participação das populações na conceção do futuro, como defendido por Asara et al. (2015), e sobre o papel das aspirações (Appadurai, 2013) no processo político, acomodando as necessidades das populações locais na coprodução e co-design do futuro da festa, de forma aberta e plural.

Agradecimentos

Este texto decorre, em parte, da investigação realizada no âmbito do projeto “FESTIVITY – Festa, património cultural e sustentabilidade comunitária. Investigação e comunicação no caso da Bugiada e Mouriscada de Sobrado”, Ref. PTDC/COM-CSS/31975/2017. Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

Referências

- Appadurai, A. (2013). *The future as a cultural fact. Essays on the global condition*. Verso.
- Araújo, E., & Ribeiro, R. (2021). Ser bugia e dizer-se bugio: Uma análise da participação das mulheres no tempo da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, Portugal. *Revista Género*, 22(1), 156–182. <https://doi.org/10.22409/rg.v22i1>
- Araújo, E., Silva, M., & Ribeiro, R. (2019). O tempo da comunidade e o tempo do turismo: Notas sobre duas festas. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 89–107. <https://doi.org/10.21814/rlec.2368>
- Asara, V., Otero, I., Demaria, F., & Corbera, E. (2015). Socially sustainable degrowth as a social-ecological transformation: Repoliticizing sustainability. *Sustainability Science*, 10(3), 375–384. <https://doi.org/10.1007/s11625-015-0321-9>
- Beck, S., Jasanoff, S., Stirling, A., & Polzin, C. (2021). The governance of sociotechnical transformations to sustainability. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 49, 143–152. <https://doi.org/10.1016/J.COSUST.2021.04.010>
- Bryant, R., & Knight, D. (2019). *The anthropology of the future*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108378277>

- Câmara Municipal de Valongo. (s.d.). *Marcas de Valongo*. Retirado a 23 de julho de 2022. <https://www.cm-valongo.pt/descobrir/marcas-de-valongo>
- Choi, S. hee, Imon, S. S., & Couto, U. (2020). Negotiating with authenticity to ensure sustainability of traditional cultural festivals: Residents' perspectives about Macao's Drunken Dragon Festival. *Sustainability (Switzerland)*, 12(3), Artigo 885. <https://doi.org/10.3390/su12030885>
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos* (W. Maas, & C. Pereira). Contraponto. (Trabalho original publicado em 1979)
- Lipovetsky, G., & Charles, S. (2004). *Le temps hypermodernes*. Editions Grasset.
- Mínguez, C., Piñeira, M. J., & Fernández-Tabales, A. (2019). Social vulnerability and touristification of historic centers. *Sustainability*, 11(16), 1-24. <https://doi.org/10.3390/su11164478>
- Motta, B. (2022). *O papel do vestuário no tempo e no espaço da festa: Uma análise à festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho].
- Pinto, M., Ribeiro, R., Nunes, M., Araújo, E., Santos, L., Cunha, L., Gonçalves, A., Martins, M., & Durand, J.-Y. (2016). Bugiada e Mouriscada de Sobrado: A festa como património. In M. Menezes, J. D. Rodrigues, & D. Costa (Eds.), *Congresso Ibero-Americano Património, suas Matérias e Imatérias*. LNEC/ISCTE-IUL.
- Ramos-Torre, R. (2009). Metáforas del tiempo en la vida cotidiana: Una aproximación sociológica. *Acta Sociológica*, 49, 51-69. <https://doi.org/10.22201/fcyps.24484938e.2009.49.18704>
- Remoaldo, P. C., & Cadima Ribeiro, J. (2017). *O legado de Guimarães Capital Europeia da Cultura de 2012: A leitura dos residentes e dos visitantes*. Edições Afrontamento.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (C. Cesar, Trad.). Papyrus Editora. (Trabalho original publicado em 1983)
- Silva, M. (2022). *A cidade r(v)endida ao turismo: Uma análise aos processos de turistificação do Porto* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/78416>
- Sovacool, B. K., Bergman, N., Hopkins, D., Jenkins, K., Hielscher, S., Goldthau, A., & Brossmann, B. (2020). Imagining sustainable energy and mobility transitions: Valence, tem sociotechnporality, and radicalism in 38 visions of a low-carbon future. *Social Studies of Science*, 50(4), 642-679. <https://doi.org/10.1177/0306312720915283>